

Mecanismos da Direita Radical Brasileira: Estratégias de Comunicação no Meio Digital

Eduardo Cavalcanti Laurenio de Melo¹
Alexander Maximilian Hilsenbeck Filho (Orientador)²

Resumo

Este artigo tem como objetivo estudar e entender como os movimentos da chamada Direita Radical se comunicam, com um enfoque em especial em analisar a estrutura de seu discurso e as ferramentas utilizadas para se comunicar entre si e mobilizar eleitores. A Direita Radical cresceu no Brasil, em especial no governo Bolsonaro, e vem apresentando um meio de se comunicar e uma estratégia política muito singular. Neste trabalho foram analisados os seguintes estudos, os livros “Do Transe A Vertigem” de Rodrigo Nunes e “Engenheiros do Caos” de Giuliano da Empoli, também foi analisado o podcast “Guerras Culturais” do Globo Play. Posteriormente foram analisados casos que exemplificam e se associam com os conceitos desenvolvidos e expostos nos textos supracitados. Espera-se com este estudo compreender a complexidade da estrutura de comunicação da Direita Radical analisando experiências atuais da realidade brasileira.

Palavras-chave: Direita Radical; Brasil; Bolsonarismo; Comunicação; Internet.

Introdução

Na ciência política, o termo Direita Radical é utilizado para o leque de partidos europeus de Extrema Direita que surgiram desde o final dos anos 1970 (HILLEBRAND, 2014), não diretamente ligado aos governos fascistas europeus, mas como uma reação a aberturas democráticas na América Latina e a implementação das experiências de neoliberalismo e globalização. O termo surgiu no discurso político dos EUA, sendo utilizado para se referir a diversos grupos anticomunistas ativos na era do Macarthismo dos anos 1950. O termo de Direita Radical, ou Extrema Direita, foi resgatado nos últimos anos devido ao crescente número de figuras de poder em exercício pelo mundo pertencentes à Direita Populista. De acordo com Pablo Ortellado, no podcast “Guerras Culturais”, populismo é uma ideologia que pensa a sociedade em dois pólos homogêneos e antagônicos, o povo puro e a elite corrupta, e defende que a política

¹ Estudante de Jornalismo da Faculdade Cáspier Líbero E-mail: eduardoclmelo@gmail.com

² Professor Doutor de Ciência Política pela Faculdade Cáspier Líbero. E-mail: a.hilsenbeck@gmail.com

deve ser a expressão deste povo. É possível dizer que este espectro político começou a crescer com o decaimento dos governos que surgiram durante a “onda rosa”, uma série de eleições de políticos social democratas que ocorreu na América do Sul no início do século XXI, e se aproveitaram do contexto socioeconômico de descontentamento gerado pela crise econômica de 2008 para se enraizar nas instituições de poder.

O escritor Giuliano da Empoli, autor de “Engenheiros do Caos”, chamou este fenômeno de “Carnaval Populista”, pois assim como no carnaval de rua, o jogo dos populistas é inflamar e fazer com que se mostrem as emoções das pessoas, especialmente de ódio e medo. Para estas figuras pouco importa o posicionamento político, o que os diferencia da Direita Radical do século XX é a incrível capacidade de manipular tanto membros da esquerda quanto da direita política, por meio de um complexo esquema de comunicação. “[...] o sucesso dos nacional-populistas se mede pela capacidade de fazer explodir a cisão esquerda/direita para captar os votos de todos os revoltados e furiosos, e não apenas os fascistas.” (DA EMPOLI, 2019, p. 21).

É necessário também compreender que não se trata de movimentos locais separados, apesar de não haver um comando centralizado e haverem algumas poucas diferenças devido às distinções culturais, o “Carnaval Populista” se apresenta como um movimento único que se utiliza de uma estratégia e muitas vezes de uma equipe em comum. Parafraseando o autor, a nova Direita Radical e Populista se comporta como um fungo, que se desloca e se multiplica fixando seus flagelos onde as condições são mais favoráveis para seu desenvolvimento.

O exemplo mais claro desta estrutura é Steve Bannon, um populista estadunidense. Steve é um produto da classe trabalhadora norte americana e passou por todas as esferas de poder, foi um dos primeiros populistas a entender que a política deriva da cultura e busca quebrar uma suposta hegemonia cultural da esquerda que, segundo a Extrema Direita, está estabelecida nos meios de comunicação e nos produtos culturais e midiáticos. Para isso, ele produziu filmes e documentários em Hollywood e usou o site de seu falecido mestre, “Breitbart News”, para criar um ponto de convergência para a direita alternativa estadunidense. Posteriormente, Bannon criou a Cambridge Analytica, uma empresa que junta diversas ferramentas de manipulação de massa, *think tanks*, *trolls*³, entre outros, e que auxiliou a eleição de Donald Trump para presidente dos EUA em 2017. Após divergir em ideias com Donald e ser demitido da equipe do presidente, Steve rumou à Itália, o novo epicentro do movimento populista.

No Brasil, a Direita Populista se organiza de forma mais difusa. Vários movimentos compreendem a fração mais extrema da direita do espectro político. Entre eles temos desde pessoas como Jair Bolsonaro, o conservador cristão clássico, até Paulo Kogos, um anarco capitalista, uma junção da ausência de Estado do Anarquismo com uma lógica de mercado liberal

³ Este termo será explicado na parte: “agente”.

do capitalismo, do lado mais libertario da direita. Ainda assim os arquétipos continuam se repetindo: como Javier Milei na Argentina, o outsider polêmico e anti sistema, temos Jair Messias; como a Itália tem o Movimento 5 Estrelas com o apoio do comediante Beppe Grillo, temos o Movimento Brasil Livre com o apoio do comediante Danilo Gentili.

Logo, é evidente que a Direita Radical se organizou de forma mundial por meio de uma mesma estrutura compartilhada e adaptada a cada país. Os membros deste movimento usam da internet e especialmente das redes sociais para movimentar as massas a favor de seus interesses. Além de compartilhar a estrutura organizacional também compartilham arquétipos e discursos muito similares, sempre buscam se utilizar da pós-verdade (LISBOA; VINCIPROVA, 2019), a ideia de que um fato concreto tem menos significância ou influência do que apelos à emoção e a crenças pessoais, de acordo com o Dicionário Oxford, e rompendo as barreiras lógicas cada vez mais absurdas até que o ilógico se torne aceitável.

Ambiente

Apesar de que o termo fascista é utilizado para descrever a nova Direita Radical, o que ocorre no mundo não é a volta de um movimento dos anos 1930, do fascismo clássico, é a emergência de uma nova forma política moldada pela internet e pelas novas tecnologias. Não se trata de políticos que empregam técnicos, mas de técnicos que fundam partidos e escolhem candidatos mais aptos a encarnar sua visão, até assumir o controle do governo (DA EMPOLI,

2019). A Internet é compreendida como um instrumento de controle. É o vetor de uma revolução a partir do topo, que capta uma quantidade enorme de dados a fim de utilizá-los para fins comerciais e, sobretudo, políticos. A Internet é uma ferramenta poderosa na medida em que exponencializa *fake news* e teorias da conspiração para manipular os sentimentos das pessoas, e é capaz de unir vários usuários em um mesmo movimento sem que possam enxergar a estrutura em sua totalidade.

O primeiro ponto é uma característica básica das redes sociais, utilizar os sentimentos como forma de engajamento. Giuliano (2019, p. 20) diz sobre isso:

Se o algoritmo das redes sociais é programado para oferecer ao usuário qualquer conteúdo capaz de atraí-lo com maior frequência e mais tempo à plataforma, o algoritmo dos engenheiros do caos os força a sustentar não importa que posição, razoável ou absurda, realista ou intergaláctica, desde que ela intercepte as aspirações e os medos - principalmente os medos - dos eleitores.

As redes já foram criadas com esta função, os engenheiros apenas se apossaram de uma estrutura já existente e perceberam o tamanho do capital político que poderia ser adquirido desta forma (DA EMPOLI, 2019). De acordo com os resultados do estudo realizado por Rodrigo Esteves e Karen Tank, “Discurso de Ódio em Mídias Sociais como Estratégia de Persuasão Popular” (2020), as emoções negativas têm maior poder de persuasão que as emoções positivas e ainda possuem o fato de que se transmitem entre as pessoas de uma forma muito rápida. O maior exemplo deste fenômeno são os linchamentos, a raiva de alguém que sofreu ou presenciou um crime é capaz de se multiplicar entre seus semelhantes e mobilizar uma multidão que antes passava de forma alheia e agora quer aplicar justiça com suas próprias mãos.

O segundo ponto é a estratégia que certos indivíduos utilizam em que, se utilizando da necessidade humana de pertencimento a um grupo⁴, acumulam um número enorme de pessoas em *think tanks*, que seriam bolhas de discussão, quase como currais eleitorais, nos quais pessoas que concordam sobre algum tema se aglomeram para conversar e criticar aqueles que não concordam. Eles então disparam nessas bolhas notícias para direcionar estas pessoas a algum objetivo, seja encher o perfil de alguém de ameaças ou boicotar uma marca, a partir do momento em que estiverem engajados serão facilmente condicionadas pelas notícias, mesmo que falsas. É notável também que para a Direita Radical é essencial que estes eleitores não enxerguem o cenário completo, que pensem que estão fazendo justiça social e não vejam o esquema que os conduz. Sobre isso Giuliano (2019, p. 52) afirma em seu livro:

É preciso que os participantes sejam numerosos, que se encontrem por acaso e que não tenham consciência das características do sistema no seu todo. Uma formiga não deve saber como funciona o formigueiro, do contrário, todas as formigas desejariam ocupar os melhores postos e os menos cansativos, criando, assim, um problema de coordenação.

Como colocado por Max Fisher, autor de “A Máquina do Caos” (2023), em seu livro, a internet tem o poder de moldar as relações sociais. Há algo inerente ao design das redes sociais que permite esta dicotomia entre o “nós” e os “outros”. Os principais efeitos são aumentar a desconfiança entre os usuários, fazendo-os sentir animosidade a grupos vistos como diferentes e união a aqueles que pensam de forma similar. A nível coletivo, as pessoas acabam se unindo para combater a figura do outro, que é vista como perigosa e monstruosa.

Como exemplo dessa manipulação no Brasil está a invasão ao congresso de 8 de janeiro de 2023. Uma investigação conduzida pelo portal de notícias UOL mostrou que a ação foi promovida e organizada por meio de grupos pró-bolsonaro na rede Telegram. Com as novas diretrizes do Whatsapp, que limitaram o número de compartilhamentos por mensagem e

⁴ Este ponto será explicado na parte: “ferramentas”.

denunciaram mensagens e perfis impróprios ou que propagam notícias falsas, os bolsonaristas tiveram que migrar para esta rede que tem menos regras ao usuário. Estes grupos se tornaram bolhas para compartilhar notícias falsas.

Outro momento em que o bolsonarismo utilizou esta estratégia foi durante as eleições de 2022. Durante o processo eleitoral, o presidente incitou a população a se reunir na frente de quartéis militares e pedir por uma intervenção das Forças Armadas. Utilizando as redes sociais ele manteve estas pessoas acampadas bombardeando-as com notícias falsas, como por exemplo de que havia sido confirmado fraude nas urnas, mesmo que não houvesse nem mesmo uma investigação ocorrendo naquele período, estas falácias motivaram estes eleitores a se manter nas frentes dos quartéis. O suposto intuito do político e sua equipe era perturbar o processo eleitoral já que Bolsonaro aparentemente achava que mesmo com seus números inflados nas pesquisas, ele tinha chance de perder a eleição.

Agente

Outra característica comum dos movimentos da Extrema Direita pelo mundo é orbitar em um líder comum, o chefe, herói do povo, um *outsider* que não se prende às normas de convivência do mundo político. De Trump a Bolsonaro, todos compartilham de um mesmo arquétipo.

A primeira característica a ser destrinchada é o *Troll*, um ser disruptivo que usa da ironia, do deboche, e não se prende a formalidade da esfera política. Sua estratégia é instigar confrontos e expor os outros ao ridículo. Ele produz um humor iconoclasta e sem limites que se coloca acima de qualquer consideração de bom gosto, moral, utilidade política ou mesmo bem-estar alheio.

O meio online provê uma dissociação emocional que favorece o descompromisso com os efeitos da própria ação. A pesquisadora Whitney Phillips (2015) chama isso de “máscara da trollagem”, uma barreira afetiva que permite ao *Troll* minimizar as consequências do que faz, sustentar sua inocência, como se não pretendesse causar mal, sendo “apenas diversão”.

O *Troll* é aquele que privadamente tem consciência de estar brincando, mas o sucesso de seu jogo depende de que o outro o leve a sério. Sobre isso, Rodrigo Nunes escreve em sua obra “Do Transe A vertigem” (2022, p.75): “Não há reciprocidade: ele não brinca com o outro, mas à custa do outro, para diversão sua e de um público capaz de entender e apreciar o espetáculo. Sua comunicação é portanto sempre dupla”.

Aquilo que o *Troll* sabe ser brincadeira precisa ser levado a sério pelos outros, quanto mais longe ele consegue levar a brincadeira e confundir, mais ele será levado a sério por seus pares (NUNES, 2022). Aí está a chave para entender a estratégia da direita populista e, por consequência, o bolsonarismo:

A dupla comunicação, e o fato de que o *troll* quem decide quando está brincando e quando está falando sério, são a base de sua técnica para introduzir ideias ‘polêmicas’ e ‘controversas’ no debate público de maneira irônica, humorística ou com certo distanciamento crítico, mantendo sempre a dúvida sobre quanto daquilo é brincadeira e quanto é para valer. (NUNES, 2022, p. 75).

A estratégia se torna perfeita na medida em que cria um mecanismo de defesa, se em algum momento o agitador de Extrema Direita julgar que passou dos limites o mesmo pode alegar que foi mal interpretado, que está sendo perseguido e clamar pela liberdade de expressão (NUNES, 2022). É o que fazem comediantes como Léo Lins e Danilo Gentili que construíram suas carreiras como críticos do “politicamente correto”.

A segunda característica a ser destrinchada é a de *outsider*, alguém de fora da cúpula política, que vem para mudar a antiga ordem. A necessidade de se buscar alguém de fora do jogo político surge em meados de 2012, com as denúncias dos esquemas de corrupção envolvendo diversos partidos, ganha força na população o sentimento de que nosso sistema é corrupto e é preciso buscar alguém que não se enquadre nos moldes da política tradicional. Aí entra Jair Bolsonaro, o político sem filtro que criava confusão no programa “Superpop”⁵, viu nessa insatisfação da população uma oportunidade.

Assim como Trump foi apresentador do programa “O Aprendiz”, Bolsonaro também teve sua popularidade alavancada por programas televisivos. Somado ao fato de que possuem um linguajar mais informal e a coletania de afirmações polêmicas, esse *modus operandi* os colocava como de fora da velha política, não se encaixavam no decoro e formalidade dos políticos tradicionais. Apesar de ter sido deputado por 27 anos, a proximidade com o linguajar popular foi suficiente para ignorarem este fato.

Já a terceira característica é a de salvador da pátria, o arquétipo do herói contra o sistema e as forças malignas. Como os anteriores, este fator é fruto do contexto em que se encontrava o Brasil. Os protestos de junho de 2013 começaram de forma concreta contra o aumento da passagem de ônibus, porém se perderam durante o caminho e se tornaram uma disputa vazia dos governados contra os governantes (NUNES, 2022). É neste caos que a Extrema Direita viu a

⁵ “Superpop” é um programa de televisão brasileiro exibido desde 15 de novembro de 1999 pela Rede TV. Bolsonaro fez diversas partições no programa no início dos anos 2000 em que ganhou fama debatendo assuntos como homossexualidade, aborto, entre outros, sempre de forma polêmica.

oportunidade de atrair aqueles que estavam perdidos em meio a este movimento, Rodrigo (2022, p.192) escreveu que: “A operação da extrema direita tem vocação claramente hegemônica, já que se dirige a todos os que ainda não possuem uma identidade definida (o que é, em qualquer momentodado, a maioria)”.

Sendo assim, era preciso unir este movimento sobre um candidato, logo se criou a fábula sobre o “mito”. A criação da figura heróica de Bolsonaro é um amálgama bizarro entre militarismo, anticomunismo e anti-sistema. Ao mesmo tempo, ele é o capitão do Exército contra a ameaça comunista dos governos do PT, uma herança da ditadura militar, mas também é um agente de fora do sistema, um novo tipo de herói, um herói neoliberal contra o sistema corrupto e essencialmente contra o Estado, apesar de estar dentro dele.

Foi preciso também criar um vilão para sustentar o papel de herói de Jair, neste caso são os políticos corruptos e comunistas, inimigos do cidadão liberal e honesto. É tão importante ter esses lados bem demarcados pois é o que sustenta a necessidade de uma persona como a de Jair Bolsonaro, a eterna iminência de uma ameaça a população. Rodrigo (2022, p.38) sintetiza essa característica, afirmando que: “A percepção de ameaça existencial iminente que elas cultivam intensifica o engajamento subjetivo, constrói uma (auto-)imagem heróica de seus adeptos e apresenta a política como uma batalha até a morte, na qual todos os meios já estão justificados de antemão”.

Ferramentas

Como citado na segunda parte do texto, a Direita Radical aprendeu a utilizar a internet para exponencializar ferramentas discursivas. Estas ferramentas tem o intuito de atrair potenciais seguidores e organizá-los em um esquema de massa de manobra. A primeira ferramenta a ser descrita é o negacionismo. Para entender estes aspectos do discurso direitista é preciso entender em que contexto social eles são utilizados. Como bem observou Will Davies (2016), o neoliberalismo parece assumir feições cada vez mais “punitivas”, isso se dá porque o apelo para apertarmos os cintos já não são acompanhados por mais que apenas uma perspectiva de que estes um dia serão afrouxados (NUNES, 2022).

Esse aspecto chegou ao seu ápice durante a pandemia em que, em lugares como Brasil e Estados Unidos, o discurso foi literalmente dizer que as pessoas deveriam escolher entre a economia e a vida. Enquanto em outros tempos o sacrifício aparecia como uma maneira de

melhorar de vida, agora ele aparece como um fim em si mesmo, o puro imperativo de nos adaptarmos a um horizonte de expectativas cada vez mais baixas (NUNES, 2022).

A crise é o maior dispositivo disciplinar do neoliberalismo: a cada vez que uma se apresenta, ele não apenas se vale dela para acentuar a coerção econômica à qual as pessoas estão submetidas, como o faz reativando o mito fundador com o qual narrou sua ascensão nos anos 1970 e 1980 - o de ser a cura racional e tecnocrática para os excessos de um período precedente, o que o isenta de qualquer debate e o torna a única alternativa possível. Pouco importa que os excessos e as crises sejam, hoje, produzidos pelo próprio neoliberalismo; não vivemos mais a crise da gestão, mas a era da gestão por meio de crises. (NUNES, 2022, p.60)

É neste cenário de contínuas crises em que se encaixam dois aspectos do discurso da Direita Radical: o conformismo e o negacionismo. Sobre o primeiro, quando Foucault (1979) chama o liberalismo de “quadro geral da biopolítica”, o que ele quer dizer é que o manejo estatal dos processos relativos a vida da população se baseia em um cálculo de custo-benefício, o maior ganho pelo menor custo, e tem no mercado a instância última de aferição de seu sucesso ou fracasso (NUNES, 2022). O que ele não observou na época é que o maior ganho é vago e que o menor custo tem um valor definido, zero. O que o neoliberalismo fez com o decorrer das décadas foi medir o maior ganho cada vez mais próximo ao custo zero.

O resultado foi que a melhor intervenção pública acabasse sendo, por definição, aquela que não custa nada: ou seja, intervenção nenhuma. Ao se eximirem até onde puderam do dever de intervir para proteger a vida, Trump, Bolsonaro, Boris Johnson e outros estavam testando até que ponto essa lógica já se tornou naturalizada; o resultado é sombrio (NUNES, 2022, p.61)

Esta lógica atinge a população na medida em que, por exemplo, durante a pandemia, o discurso de escolher entre a vida e a economia, correspondia a uma verdade objetiva. Para uma parcela pobre do eleitorado de Bolsonaro, a quarentena se tornou um luxo insustentável, logo potencialmente morrer de covid-19 e potencialmente morrer de fome se mostrou uma escolha realista, o que mais os aproximava do então presidente do que daqueles que lhes diziam para ficar em casa.

O grande paradoxo da política da Extrema Direita se dá porque ela propõe uma forma extremamente conformista de revolta. Embora se apresente como uma oposição às elites culturais e políticas, o futuro projetado pela Direita Extrema se parece muito com o presente. No que diz respeito à estrutura social, sua concepção de mundo é perfeitamente resignada ao *status quo* (NUNES, 2022). O que, em resumo, é oferecido pela Extrema Direita, é uma política antissistema para quem não acredita que o sistema possa mudar de fato, tudo permanece basicamente o mesmo, porém, com ganhos supostamente maiores para quem hoje se sente deixado de lado.

Sobre o negacionismo, ele surge como negação de uma realidade cada vez mais traumática e de expectativas cada vez menores, ao ponto que o que é enxergado pela maioria da população é que se continuarmos nesta realidade haverá um número cada vez maior de pessoas em condições cada vez piores.

Se a realidade de nossa condição de existência vai se tornando cada vez mais traumática, não seria de esperar que houvesse uma fuga cada vez mais intensa dessas condições em direção ao imaginário? A verdade por trás do quadro impregnado de violência pintado pela extrema direita é que estamos vivendo numa era de expectativas decrescentes, na qual a experiência cotidiana se tinga cada vez mais da sensação difusa de que, se tudo permanecer como está, o que o futuro reserva são condições cada vez piores de reprodução social para um número cada vez maior de pessoas. (NUNES, 2022, p.67)

É dessa negação inconsciente da população que trabalha a Extrema Direita. Em um mundo paralisado pela Covid-19, uma realidade que de começo parecia que piorava cada vez mais, ficou fácil para alguém como Bolsonaro e Trump inserir a dúvida consciente sobre a gravidade da doença e o funcionamento da vacina. Na realidade difusa da pandemia, era mais fácil acreditar que tudo era uma mentira do que aceitar que estávamos realmente sucumbindo a uma doença, e a direita sabia disso, e usou da mentira a seu favor. Outro exemplo foi durante o final das eleições de 2022 para presidente do Brasil, quando Bolsonaro perdeu para Lula. Devido ao caos que se instalava por todo o país e em parte fomentado pela Direita Radical⁶, as ocupações e a invasão do dia 8 de janeiro, era conveniente questionar a confiabilidade do processo eleitoral.

Neste contexto, é possível perceber que as *fake news* deixaram de ser um fenômeno independente e se tornaram a força de alimentação do esquema de manipulação da direita. Elas possuem objetivo, alimentar as dúvidas daqueles que já estão em negação. Não se configuram como um aspecto individual pois dependem do estado de negação do indivíduo para serem aceitas e alimentam ainda mais esse estado, em um esquema de retroalimentação mútua.

Para dizê-lo em poucas palavras: se a extrema direita, ao recorrer à desinformação ou a qualquer outro subterfúgio, conseguiu mobilizar as paixões anti sistema de milhões de pessoas que se sentem desassistidas e deixadas para trás, é porque esses sentimentos existem. Isto é, a mensagem da extrema direita só é convincente porque um grande número de pessoas acredita que há, de fato, algo profundamente errado com o sistema político econômico atual. (NUNES, 2022, p.59)

Ao constantemente reproduzir as *fake news* supostamente expondo as mentiras da sociedade, gera identificação da população para com seus governantes, isto traz recompensas psicológicas relevantes como: pertencimento, reconhecimento e a ideia de vencer em um contexto de toxicidades do capitalismo (GRIMOIRE, 1993).

⁶ Ainda estão ocorrendo investigações sobre o envolvimento de políticos da direita no financiamento e organização das ocupações em frente aos quartéis e a invasão do dia 8 de janeiro.

A segunda ferramenta discursiva utilizada é a polarização. No Brasil o discurso sobre polarização começa a ficar consolidado por volta de 2014, motivado por um debate recorrente da ciência política estadunidense que vem desde a década de 1980. Em 1984, Poole e Rosenthal indicavam que as eleições nos EUA se tornavam cada vez mais uma disputa entre “duas coalizões opostas, a liberal e a conservadora, ambas com posições relativamente extremas”(POLE; ROSENTHAL, 1984).

Todavia, a de se pontuar que no Brasil atual a polarização é instaurada de forma assimétrica. Considerando que cada lado do espectro político enxerga a realidade de forma diferente, há também visões diferentes da polarização. A Direita Radical brasileira comumente enxerga de forma mais binária, dicotômica, enxergam a disputa como a direita contra os “comunistas”, englobando toda a esquerda em um mesmo grupo, o que não foge da estratégia extremista de criar um inimigo comum à sua causa⁷. Já à esquerda do espectro político brasileiro, há a visão geral de que a disputa se faz por várias frentes e que tanto a esquerda quanto a direita possuem vertentes diversas.

Um sintoma da polaridade da política brasileira é o extremismo. Quanto mais uma pessoa se identifica com o extremo de um espectro, mais ela tenderá a construir essa identidade de modo totalizante, relacionando-se com iguais, informando-se a partir de certas fontes, percebendo o espaço político como bipartido e enxergando o lado oposto de maneira monolítica (NUNES, 2022). Isso faz com que tudo que fuja a sua norma seja considerado “radical”, o que é uma forte arma, porque acusar seu adversário de radicalismo permite a quem acusa se radicalizar.

Ao se extremar e se separar do que julga ser seu inimigo político, permite a direita governar não mais para todos, como deveria ser em um regime democrático, mas para os poucos que são seus aliados. Daí surge a figura do “homem de bem”, a personificação da Direita Radical contra os inimigos comunistas, tipicamente estereotipados com qualquer característica tipicamente observada em minorias ou movimentos de contracultura.

Discurso

No que diz respeito ao conteúdo do discurso, a Direita Radical também possui um padrão. O sociólogo Gabriel Feltran (2020) elencou três matrizes discursivas do bolsonarismo, mas que também se aplicam aos demais países, sendo elas “militarismo policial”, “anti-intelectualismo

⁷ Conceito explicado na parte: “agente”.

evangélico” e “empreendedorismo monetarista”. Estas matrizes devem ser consideradas não apenas como geradoras de enunciados mas de estruturas afetivas que podem ou não vir a se desenvolver como subjetividade política mobilizada e plenamente consciente.

Vale ressaltar antes de tudo que há algumas limitações na classificação de Feltran, como ele próprio reconhece, o anti-intelectualismo não é exclusivo da população evangélica periférica, sendo igualmente visível entre classes mais altas católicas. Já o militarismo e o empreendedorismo, por mais que sejam compartilhados por diferentes classes sociais, assumem conotações diferentes dependendo de classe e racialização.

Logo podemos dividir em três tipos de matrizes, àquelas que são restritas a determinado grupo social, aquelas que são compartilhadas porém seu significado continua constante e que são compartilhadas e têm significados diferentes dependendo de classe. Neste critério, tanto o anti-intelectualismo quanto o militarismo e o empreendedorismo são transversais a diferentes extratos sociais, mas os dois últimos pertencem ao terceiro tipo (NUNES, 2022).

No que diz respeito ao militarismo, para quem vive em regiões afligidas pela criminalidade, a aspiração por violência estatal irrestrita pressupõe uma demarcação clara entre quem é “trabalhador” e quem é “bandido” dentro da comunidade, ainda que admita o risco de algumas vítimas inocentes entre os dois (NUNES, 2022). Já para quem mora em zonas nobres, o policiamento serve para impedir seu contato com as classes mais pobres, logo o leque de vidas potencialmente descartáveis é maior.

O empreendedorismo se apresenta para os ricos como um discurso meritocrático que esconde a clara desigualdade de oportunidades que eles possuem. Já para as classes mais pobres ele se apresenta com o que Rodrigo Nunes chama de “autoempresalidade de massas”, que Verónica Gago chama (2018) de “Neoliberalismo desde baixo”. Este é um fenômeno que se configura por indivíduos que buscam inventar estratégias de sobrevivência em um ambiente reconfigurado por políticas neoliberais, reforçado pelo aumento da informalidade e endividamento nos anos da chamada “Onda Rosa”.

O Anti-intelectualismo se apresenta entre os mais pobres como a figura central do pastor evangélico, guia espiritual e social nas comunidades, e o conhecimento é desprezado de acordo com a vontade desta figura. Já entre os mais ricos, a autoridade religiosa assume um lugar mais secundário em relação ao desprezo por conhecimentos de utilidade econômica imediata e as teorias conspiratórias.

Há mais quatro matrizes que também compõem o discurso bolsonarista porém mais circunscritas socialmente: anticomunismo, ultraliberalismo, discurso anticorrupção e conservadorismo social. Nas duas primeiras, ao contrário do que foi visto antes, há uma direção de difusão evidente, do mais rico ao mais pobre, em uma ação coordenada. O anticomunismo

ressurge no Brasil como um conceito vago e genérico que poderia ser usado pela direita radical para indicar tudo que não lhe fosse conveniente. Já o Ultraliberalismo, é uma contraparte do empreendedorismo, mas merece destaque como fator agregador de uma juventude universitária de classe média que resultaria no surgimento do “Movimento Brasil Livre”, o MBL.

A mais universal das matrizes é o discurso anticorrupção, mostra como o ultraliberalismo e o anticomunismo exercem função na amarração discursiva das diferentes vertentes do bolsonarismo.

Desde sempre, a corrupção opera no imaginário público brasileiro como uma espécie de metaproblema, a causa mágica que, uma vez eliminada, resolveria todos os outros males do país. Nessa narrativa, o peso dos constrangimentos estruturais e as diferenças de orientação política são inteiramente desprezados em favor de uma visão voluntarista e individualizada da política. [...] Embora as elites brasileiras tenham mobilizado a retórica anticorrupção para desestabilizar governos progressistas no passado, até pouco tempo atrás havia uma percepção generalizada de que o desvio de dinheiro público era uma prática endêmica na política. [...] Seria o enorme escândalo de corrupção institucional revelado em 2014 pela Operação Lava Jato que ofereceria a ultraliberais e anticomunistas uma oportunidade única de promover uma nova narrativa. Ela juntava a desconfiança hayekiana em relação à justiça social (“no limite nada mais do que a proteção de interesses solidamente estabelecidos”) com a noção de que o modus operandi universal da esquerda é comprar grupos de interesse, tais como minorias e artistas, a fim de instalar regimes totalitários desonestos. O próprio tamanho dos esquemas revelados pela Lava Jato funcionava, assim, como evidência não da incorporação do PT à elite política do país, mas, pelo contrário, do quanto eles teriam avançado em seu plano de “tornar o Brasil uma Venezuela” – exatamente como a direita vinha alertando havia mais de uma década. (NUNES, 2022, p.34-35)

A última matriz, o conservadorismo social, é uniforme por todas as classes sociais e depende de um constante pânico social e ameaça eminente para se alastrar, a destruição da “família tradicional”, muito motivado pelas conquistas de direitos dos movimento LGBTQIAP+ e feminista nas últimas décadas. Todas as matrizes unidas é o que forma a figura do “cidadão de bem” a personificação do eleitor da extrema direita.

[...] o maior feito do bolsonarismo foi ter conseguido que todos esses diferentes elementos – militarismo, anti-intelectualismo, empreendedorismo, anticomunismo, libertarianismo econômico, discurso anticorrupção, conservadorismo social – convergissem em torno de uma única figura: o “cidadão de bem”. Se há um significante

vazio que representa a base bolsonarista para si mesma, é esse. (NUNES, 2022, p.37)

Considerações Finais

O fenômeno de crescimento da direita radical se apresenta como resultado do momento de profundas e recorrentes crises que a sociedade tem passado nas últimas duas décadas, especialmente no Brasil. Todavia, entende-se que não são movimentos espontâneos e muito menos individuais, mas parte de uma grande malha que percebeu uma tendência se formando e organizadamente se utilizou da situação para ascender ao poder.

É notável também o uso da internet como meio de exponencializar sua rede de controle e manipulação. Sendo o movimento fruto da contemporaneidade é perceptível que suas técnicas buscam se utilizar da insatisfação com as já citadas crises passadas pelo capitalismo tardio em que vivemos. Por meio delas focalizam a insatisfação da população em um objetivo comum.

No que diz respeito a conteúdo discursivo, é possível citar uma série de matrizes discursivas que buscam personificar o alvo preferencial da direita radical. Todavia, grande parte deste conteúdo não é novo, visto que temas como anticomunismo e defesa da “família tradicional” já eram vistos em protestos a favor do golpe militar em 1964. Por fim, é importante salientar que este não é um fenômeno novo, assim como no período da Segunda Guerra Mundial e Guerra Fria, houve um aumento no extremismo e nos governos de Extrema Direita. O que observamos hoje é parte de um movimento cíclico de manutenção do capitalismo, toda vez que este entra em crise, o fascismo surge para impedir a ascensão de alternativas a este sistema, logo o que ocorre não é uma nova Extrema Direita, mas o mesmo fenômeno adaptado aos termos da contemporaneidade.

Referências

Guerras Culturais: Uma Batalha Pela Alma do Brasil. Locução de: Pablo Ortellado e Elisa Martins. Globoplay, 29 de ago. de 2022. Podcast. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/podcasts/guerras-culturais-uma-batalha-pela-alma-do-brasil/bb970d66-e4d0-4087-bb44-84436175ddd8/>

NUNES, Rodrigo. **Do Transe à Vertigem**: ensaios sobre bolsonarismo em um mundo em transição. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

EMPOLI, Giuliano Da. **Os Engenheiros do Caos**. São Paulo: Vestigio, 2022.

Träsel, M., Lisboa, S., & Vinciprova, G. R. (2019). **Post-truth and trust in journalism: an analysis of credibility indicators in Brazilian venues**. *Brazilian Journalism Research*, 15(3), 452–473.

HILLEBRAND, Ernest. **Right Wing Populism in Europe-How do we Respond?**. Berlim: FES, 2014.

MERCURI, Karen T. LOPES, Rodrigo E. L. **Discurso de Ódio em Mídias Sociais como Estratégia de Persuasão Popular**. São Paulo, 2020.

PHILLIPS, Whitney. **This Is Why We Can't Have Nice Things: Mapping the Relationship between Online Trolling and Mainstream Culture**. MIT Press, 2015.

GRIMOIRE, Ruth W. **Terror Austerity Gender Excess Theater, in Robert Gooding Willins (org.), Reading Rodney King/Reading Urban Uprising**. New York: Routledge, 1993.

POLE, Keith T. e ROSENTHAL, Howard. **The Polarization of American Politics**. *The Journal of Politics*, v.46, n.4, 1984.

FELTRAN, Gabriel. **The Revolution We are Living**. *HAU: Journal of Ethnographic Theory*, v.10, n.1, 2020.

GAGO, Verónica. **A Razão Neoliberal: economias barrocas e pragmática popular**. Trad. Igor Peres. São Paulo: Elefante, 2018.

FISHER, Max. **A máquina do caos: Como as redes sociais reprogramaram nossa mente e nosso mundo**. Trad. Eric Assis. *Todavia*, 2023.

DAVIES, Will. **The new Neoliberalism**. *New Left Review*. n.101, 2016, pp. 121-34.

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da biopolítica [1979]**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p.30.